



A GERAÇÃO DE 70 SOB O OLHAR DE ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA: *A TRANSMISSÃO DO IDEÁRIO POLÍTICO E CULTURAL*

Tiago Rego Ramalho¹

RESUMO: Na qualidade de historiador da cultura e da literatura, António José Saraiva realizou diversos estudos sobre a designada Geração de 70. Por intermédio dos seus escritos, pretendemos recuperar um conjunto de considerações que versam sobre as origens, a constituição e a evolução de uma geração de escritores e intelectuais que notabilizou o Portugal do século XIX; importa também perceber os contornos das ideias - e das suas variações - desta geração, atendendo às reflexões de Saraiva; ou ainda, considerar as aproximações ideológicas e temáticas entre Saraiva e a presente geração.

PALAVRAS-CHAVE: António José Saraiva; Geração de 70; Cultura.

RESUME: As a culture and literature historian, António José Saraiva conducted several studies on the so-called Generation of 70. Through his writings, we intend to retrieve a set of considerations that deal with the origins, formation and evolution of a generation of writers and intellectuals who excelled in the 19th century Portugal; we shall also see the outlines of the ideas - and their variations - of this generation, meeting the Saraiva reflections; or, even considering the ideological and thematic similarities between Saraiva and the present generation.

KEY-WORDS: António José Saraiva; Generation 70; Culture.

INTRODUÇÃO

“- Falhamos a vida, menino!” – Eça de Queirós

A Geração de 70 representa, no plano da cultura nacional, um dos marcos incontornáveis da História Portuguesa. O seu legado é vastíssimo, estendendo-se aos mais variados âmbitos, sendo que todo o imaginário cultural português nunca mais haveria de esquecer os feitos dos homens que compuseram esta Geração. Sem

formarem um todo coeso, coerente e homogêneo, mas sim plural e heterogêneo, os seus pensadores contribuiriam para uma mudança de mentalidades e de paradigma no último terço do Século XIX. António José Saraiva, destacado Historiador da Literatura e da Cultura Portuguesa, para além de figurar no século XX como uma referência intelectual nacional, afirmou-se, ao longo da sua vida académica e de investigador, como um profundo estudioso da Geração de 70 e dos seus homens mais notáveis. A relação que manteria com estes pensadores também haveria de ser fruto das suas convicções político-ideológicas.

A investigação aqui delineada circunscreve-se, essencialmente, no âmbito da História das Ideias, sem deixar de aflorar o campo cultural e literário. Posicionando-nos no último terço do Século XIX, o estudo pretende debruçar-se sobre a figura de António José Saraiva. Por meio do Historiador da Literatura, importa analisar o legado da Geração de 70, a sua receção e destaque na visão do autor e as influências que o grupo do Cenáculo exerceu sobre o espaço intelectual português no século XX. De um modo genérico, a presente investigação visa analisar António José Saraiva na qualidade de transmissor do ideário da Geração de 70, e dentro da sua obra produzida sobre o pensamento desses autores, descortinar as metamorfoses que aí se originaram. Ao fim ao cabo, qual a imagem que António José Saraiva transmite relativamente ao sistema de ideias que é transversal ao grupo de 70? Importa salientar a relevância de três nomes (Antero de Quental, Oliveira Martins e Eça de Queirós), sem negligenciar o fundamento e as bases teóricas deste grupo de intelectuais, que muito deve a Alexandre Herculano. Para além da produção literária e académica, António José Saraiva não deixa de fazer menção a estes nomes marcantes por intermédio da epistolografia, de conferências ou artigos.

A HERANÇA DE ALEXANDRE HERCULANO

Alexandre Herculano, um dos maiores vultos da História Portuguesa, Literatura, Cultura ou Política, serviria de influência a gerações vindouras, entre as quais, a Geração de 70. Embora seja um “erro considerá-lo como o mentor nacional único dos homens de 70”, retirando-lhe um carácter de exclusividade na transmissão de conhecimento e experiências, é evidente que o seu pensamento germinou no ideário dos pensadores de 70. A riqueza desta heterogeneidade é patente pela intersecção de influências, correntes temas, ideologias atrás do Teófilo, Martins, Quental, etc... Ora é essa intersecção que interessa estudar como introdução ao estudo daqueles homens” (NEVES, 2004, p. 45). Herculano, no decurso da sua ação ideológica e política, afirmar-se-á como opositor e combatente daqueles que perseguem ou desprezam o

cristianismo, religião que segundo este, se incorporava no código genético dos antepassados. Com a publicação, no ano de 1844, de “O Pároco de Aldeia”, assiste-se a uma apologia conciliadora de catolicismo e liberalismo. Crítico da filosofia iluminista, pelas suas pretensões de se substituir à religião, defende que somente esta última pode fundamentar a moral. Assim, a sociedade deve ser encarada como um estádio anterior ao indivíduo, estando a religião incorporada no plano social: “Nas cogitações de Herculano ocupa por vezes o primeiro plano a ideia de que a religião deve ser encarada do ponto de vista do interesse da sociedade perante e qual se torna despiciente o sentimento do indivíduo” (SARAIVA, 1977, 81). Os seus ensejos de elevar o nível cultural das massas, passam pela defesa de uma reforma literária, no quadro de uma teoria política cartista ou ainda pela sustentação de que a classe média é a força motriz da produção nacional. Para além destas ideias que figuravam no ideário de Herculano, a terra, na visão do mesmo, assume-se como uma problemática de fundo nacional. O incremento da riqueza nacional passaria necessariamente por uma abundância e planeamento geral da produção agrícola (SARAIVA, 1977, p. 189). A própria liberdade comercial e a liberdade pautal serão defendidas na medida em que favoreceriam os interesses da agricultura, alicerçadas a um livre cambismo.

De um ponto de vista da realidade política nacional, ainda na primeira metade do século XIX, Herculano defenderá que o absolutismo havia sido substituído por uma «máquina centralizadora e opressora» (SARAIVA, 1977, p. 194). Assim, a centralização e a oligarquia afirmavam-se como condições de possibilidade no advento de um absolutismo liberal. No ano de 1951, o próprio haveria de arquitetar um programa municipalista, na plena afirmação da autonomia das magistraturas e a vida política local. Defensor também de uma associação capital-trabalho, Alexandre Herculano enquadrava-se num realismo pragmático, enredando-se numa conceção materialista e circunstancial que visava responder a problemas prementes. Desse modo, as ideias sistematizam-se no quadro das necessidades humanas, afastando-se de um qualquer sistema compacto e totalizante². Duas ideias que avançam para o desbloqueamento dos problemas nacionais, seriam a do pequeno proprietário agrícola e a do municipalismo descentralizador. Ao fim ao cabo, refletem-se aqui as ideias de autonomia, independência e de livre-concorrência, na medida em que o todo social não saia prejudicado e no sentido de se evitar a concentração de riqueza. Em meados da década de 70, o contacto com Antero de Quental e Oliveira Martins, faz de Herculano uma influência doutrinário no espetro da Geração de Setenta (SARAIVA, 1977, p. 194). Inicialmente apelidado de “Mestre”, nunca mais deixaria de o ser para estes homens.

ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA E AS METAMORFOSES NA GERAÇÃO DE 70

Entender e estudar a Geração de 70, sob as lentes de António José Saraiva, passa necessariamente por atender a acontecimentos e datas relevantes que circunscreveram estes intelectuais. Dizia António José Saraiva que a focalização em torno deste período se deveria realizar através de datas marcantes (NEVES, 2004, p. 45). A riqueza intelectual que compunha esta Geração, desde homens como Eça de Queiroz, Antero de Quental ou Oliveira Martins, sem esquecermos as figuras de Ramalho Ortigão, Jaime Batalha Reis, Augusto Soromenho José Fontana ou Teófilo Braga, fez-se sentir pela relevância destes homens e essencialmente, pela influência que transmitiram e pelo legado: “A importância desta tertúlia para Portugal foi enorme e durável, quer pela qualidade dos seus componentes, quer pela influência que exerceram nos contemporâneos e nos posteriores” (SARAIVA, 1995, p. 13). Para Saraiva, o pensamento por eles desenvolvido germinou no advento da República, não obstante o ceticismo que demonstravam perante esse proposta, e no ideal corporativo implementado pelo Estado Novo. Herdeiros e inspirados pela reflexão e pensamento de Alexandre Herculano, os três homens mais relevantes que encabeçam a Tertúlia/Cenáculo³, assumem-se profundamente contra “governos das maiorias”, rejeitando a elevação do número permitida pela Democracia.

Um dos momentos marcantes para esta geração de intelectuais, na possibilidade de contribuírem para a mudança do estado de coisas, havia sido as Conferências Democráticas (ou do Casino): como era elucidativo na divulgação das mesmas, sentia-se os ventos da mudança motivados pela guerra franco-prussiana, a insurreição de Paris e os acontecimentos de Roma que levavam à unificação da Itália, sob o signo de uma monarquia laica. Para António José Saraiva, este contexto internacional, marcadamente transformador e de alternância de paradigma, é extremamente relevante para compreender o impulso revolucionário que percorria as ambições desta Geração. Os ecos da Revolução, vindos de além-fronteiras, motivavam a franca possibilidade de uma mutação cultural em Portugal. Assim, as Conferências do Casino apresentavam-se como autêntico momento de mudança cultural: a vida portuguesa oitocentista vê-se perante propostas alternativas em áreas como a literatura, as letras, as Artes e no campo Político (MEDINA, 1999, pp. 28-29). Perante uma necessidade de despertar consciências, Antero de Quental havia dado o mote, numa comunicação subordinada à temática das “Causas da decadência dos povos peninsulares”. Para Saraiva, reconhece-se nessa comunicação a influência perentória de Herculano e um carácter pouco singular: “Essa conferência não tem grande originalidade. Reconhece-se aí o pensamento de Herculano, que dava como causa da

decadência nacional “o absolutismo e o fanatismo”, isto é, a centralização monárquica e a Inquisição” (SARAIVA, 1995, p. 44). Também Herculano denunciaria, ainda na primeira metade do século XIX, a concentração do poder político e religioso como o grande mal nacional. Saraiva destaca que a novidade patente na conferência de Antero passava por alargar a análise dos sintomas e dos males nacionais à vizinha Espanha. Eça de Queiroz, imbuído pelo espírito revolucionário que assolava a Europa por intermédio dos acontecimentos da Comuna de Paris, preferiria a quarta conferência, relativa ao realismo literário e artístico⁴. Na Arte, como na Política, estes pensadores são críticos do idealismo, preferindo-o por um materialismo onde as consciências são determinadas pelo meio.

O rescaldo da Comuna de Paris de 1871 na mente destes homens viria a despoletar a criação da secção portuguesa da Internacional. Na visão saraiviana, este acontecimento é notória para descortinar o incremento do ideário proudhonista que se solidifica no pensamento dos mesmos. Representa assim o término da antítese Sujeito-Objeto, pretendendo depositar-se nos trabalhadores a realização dos desígnios da Justiça que estariam inscritos no curso natural da Humanidade. A sociedade burguesa e todos os seus elementos identitários tornam-se alvo de crítica: “Os Partidos são uma manifestação da sociedade burguesa. Deixemos que ela se desorganize até ao fim e que os trabalhadores se organizem por completo” (SARAIVA, 1995, p. 55). Perante a vitória, no seio da Internacional, da facção marxista, centralizadora e burocrática, António José Saraiva exprimia que a anarquia era a expressão lógica de um posterior estalinismo ou “cesarismo”. A organização originária, sistematicamente, fenómenos de centralização. Na visão do mesmo, os acontecimentos da Comuna de Paris alargariam a estes homens os horizontes de uma Europa frágil, apesar da esperanças na Revolução animarem as hostes. Goradas as pretensões políticas saídas das Conferências do Casino e da Comuna de Paris, o pensamento destes homens (Geração de 70) ainda podia antever a esperança nos amanhãs que cantam? Por seu turno, o ultimato inglês de 1890 representaria, segundo Saraiva, o regresso às preocupações do quotidiano nacional: “As manifestações foram de tal ordem que homens de grande qualidade intelectual como Antero de Quental e os seus amigos imaginaram tratar-se da ressurreição do velho Portugal quinhentista” (SARAIVA, 1977, p. 140).

No estudo que António José Saraiva relativo a esta Geração, destaca um elemento subjacente e transversal aos homens do Cenáculo: a descrença no postulado liberal que arquitetava o sistema com base no voto de pendor individualista. É indesmentível o “superavit cultural desta geração que, apesar de ter falhado quase todos os seus propósitos de redenção nacional, não deixou por isso de deixar à

posteridade uma das mais ricas heranças artísticas de sempre” (MEDINA, 1999, p. 72). Também Saraiva irá corroborar da descrição que tende a valorizar os feitos culturais, literários ou artísticos desta Geração, não obstante a não concretização dos seus projetos políticos e “revolucionários”. Podemos apresentar a Geração de 70 sob dois momentos ou fases: A primeira fase, onde a militância literária e política ecoa nas críticas ao romantismo ou ao provincianismo cultural, na ideologização do Cenáculo, da participação nas Conferências do Casino e na efervescência que se gera no rescaldo da Comuna de Paris de 1871; o segundo momento, a fase dos “Vencidos da Vida”, é a renúncia à ação política e ideológica. A crença no socialismo utópico é ultrapassada por desejos incipientes de uma aristocracia iluminada (MACHADO, 1998).

Oliveira Martins, Eça de Queiroz e Antero de Quental: O Olhar de António José Saraiva

A heterogeneidade da Geração de 70 demonstra-nos uma diversidade e um sistema de ideias variável entre os pensadores da Geração. Além de Saraiva salientar os momentos, as fases e as próprias ideias e visões que se afiguravam complementar entre os seus mais variados autores, não deixa de sistematizar o conjunto de ideias e conceitos que cada pensador, analisado individualmente, haveria de desenvolver. Um dos grandes nomes da Geração de 70, Oliveira Martins, é-nos dado a conhecer por Saraiva como aquele que “soube dar-nos um Portugal vivo e inteiro, numa síntese que talvez seja única na historiografia europeia” (SARAIVA, 2004, p. 685).

O mesmo, na esteira do pensamento marxista, defenderá que o liberalismo origina e provoca desigualdade, resultando necessariamente no empobrecimento das classes trabalhadoras. Mas Oliveira Martins não deixaria de ser um claro defensor da Autoridade e da Ordem, pretendendo uma concentração do Poder. Era a ideia da existência de um forte Poder Régio. Na visão de Saraiva, Oliveira Martins revia-se na ideia que apresenta a sociedade como anterior ao indivíduo, devendo a representação política residir em si mesmo e não no individualismo. Perfilha-se, desse modo, a defesa de modelos como a “Democracia Orgânica” e o corporativismo: a representação política constitui-se, não pela expressão do indivíduo, mas pela sociedade disposta em órgão, classes ou funções (SARAIVA, 1995, pp. 79-80). À recusa da doutrina do sufrágio universal, é proposta a eleição com base na representação nacional, por classes e funções sociais. Segundo Saraiva, a eleição orgânica estabelecerá o seguinte: “cada eleitor votaria como membro de um grupo social ou como representante de uma instituição, de modo que a assembleia soberana saía, não da «quimera do sufrágio universal», mas sim de um sistema de delegações dos órgãos sociais” (SARAIVA,

1995, p. 161). A ideia de um socialismo justicialista, imposto por Poder Central, é transversal a todo pensamento de Oliveira Martins. Este, desfasado de um perfil de agitador como o havia encarado Antero, sempre ambicionou um lugar de estadista, nunca tendo desistido de se tornar o “Mouzinho da Silveira do Socialismo Português” (SARAIVA, 1995, p. 162). No pensamento do autor, Saraiva destacará dois conceitos fundamentais para entender a visão que o mesmo apresenta. Assim, História e Sociologia Evolutiva (Nomologia) devem ser confrontadas com os conceitos de Vontade e Justiça. A Vontade (ou Heroísmo) exerce-se por via de manifestações coletivas, sendo que a negação do caráter científico da História é reiterada por Oliveira Martins, associando-a a um conjunto de atos da Vontade. Desta forma, não pode ser prevista ou subordinada a um sistema de leis. Assim, António José Saraiva sustenta que “No encontro e desencontro de tão variáveis e inumeráveis fatores é inevitável a emergência do Acaso, isto é, o encontro de acontecimentos de ordens ou séries ou sequências inteiramente independentes” (SARAIVA, 1995, p. 90). Por sua vez, defende uma “Nomologia”, em que a sociedade detém uma dimensão evolucionista, ordenada e legal. Esta vertente passa pela entrada em cena da Justiça (progressivamente) no espectro das relações humanas. Assim, a História é não científica, embora a Sociedade seja deterministicamente definida para o alcance do Ideal de Justiça. António José Saraiva, nas suas reflexões pessoais e académicas, sempre haveria de considerar Oliveira Martins como uma figura desconhecida e esquecida no imaginário cultural português (NEVES, 2004, p. 79). Na conjugação do plano teórico com o projeto político, Saraiva resume assim a personalidade de Oliveira Martins: “O projeto político de Oliveira era um cesarismo, isto é, um autoritarismo que obrigasse ao cumprimento de leis igualitárias, uma Vontade que decretasse a Justiça, em suma, o Socialismo” (SARAIVA, 1995, p. 97).

Outras duas figuras de referência para esta Geração haveria ser Antero de Quental e Eça de Queiroz. No âmbito político, como no literário ou artístico, representam dois dos maiores símbolos da História de Portugal. A contradição entre realismo e romantismo é encarada por António José Saraiva, como uma das principais frentes onde participariam ativamente os dois pensadores. A defesa do realismo no meio artístico, por figuras como Antero ou Eça, deveu-se muito às confrontações que haviam sido desencadeadas contra os “românticos” da época. Antero defendia o sentimento de verdade expresso na arte, a autenticidade. A recusa do convencionalismo, criticando o Romantismo, passava pela rejeição da imitação e da artificialidade (SARAIVA, 1995, p. 50). O heroísmo combatente e a rebeldia de Antero de Quental tornaram-no, para além da sua notabilíssima criação estética, um homem prático e vocacionado para a ação, não obstante os desfortúnios que o levariam a cometer

suicídio: “Se não chegou a ser um condutor de povos, Antero foi, no entanto, o mestre incontestado e incontestável da Geração de 70, o seu supremo inspirador, o seu trágico símbolo”. (MACHADO, 1998, pp. 38-39).

Quando António José Saraiva edita o seu estudo aprofundado em torno de Eça de Queiroz, tendo este conhecido uma primeira edição no ano de 1943, encontrava-se extramente comprometido com o marxismo ortodoxo. Essa primeira edição atende a um período muito específico para o autor: nesse mesmo contexto, Saraiva detinha uma filiação ideológica e partidária afecta aos ideais do marxismo-leninismo e do materialismo histórico. Partindo deste pressuposto, podemos conceber uma análise do pensamento e obra de Eça - por parte de António José Saraiva - à luz de uma concepção materialista, ou seja, a força das ideias reside na consciência quotidiana e vivencial do autor em análise. As metamorfoses no pensamento e na vida de Saraiva levaram-no a refletir e a criticar as teses que havia desenvolvido sobre o pensamento e obra de Eça. Condicionado pelo contexto da época e pelas ideias que predominavam no imaginário intelectual português relativamente a Eça de Queiroz e à própria Geração de 70, não deixará, num momento posterior à elaboração do estudo, de considerar a obra “As Ideias de Eça de Queiroz” como um estudo do positivismo pseudo-dialético. Vejamos a análise que Saraiva faz sobre este estudo, numa fase última da sua vida, aquando da realização da “Tertúlia Ocidental”: As ideias que aí são retratadas (“As Ideias de Eça de Queiroz”), a respeito do autor, coincidem com os “clichés” que nessa época eram atribuídos ao mesmo. As ideias revolucionárias e progressistas eram ponto assente sobre a Geração a que pertenceu Eça (SARAIVA, 1977, p. 157). No pensamento de Eça, propriamente dito, Saraiva destaca o modelo apriorístico que o mesmo faz transparecer nos seus romances, onde as personagens são envoltas em simbolismos, manietadas por ideias, valores ou costumes. Destaca ainda a relevância que as leituras de Proudhon tiveram na formação de Eça: “As suas ideias são todas de Proudhon, estão mil e uma vezes repetidas “n’As Farpas” e é por meio deles que se percebe o verdadeiro fito e o verdadeiro pensamento do romance (O Crime do Padre Amaro) “ (SARAIVA, 2000, p. 49). Mais adiante, veremos como Saraiva extrapola um materialismo do pensamento queirosiano.

Outras ideias que Saraiva destaca na obra de Eça são a crítica do clero, da vida sacerdotal e da prática religiosa. O ateísmo, por influência de Feuerbach, e o humanismo, saído do Iluminismo, ajudam a entender a imensa adversidade que Eça nutria perante a religiosidade e a própria promiscuidade entre Estado e Igreja. Para Eça, sendo a Igreja conforme aos ditames institucionais, as classes dirigentes protegiam-na enquanto tal. Outro traço característico que António José Saraiva salienta passa pela crítica ao modelo civilizacional a que se assistia, muito apegado aos ideais do

progresso e a um sentido mecânico da vida. Desse modo, vislumbrava-se uma desconsideração ao homem da cidade, compenetrado nas imundices do cotidiano, valorizando por sua vez, o meio rural, a terra e a sua tranquilidade (SARAIVA, 2000, pp. 54-55). A oposição/dialética, segundo Saraiva, era uma realidade experimentada no mundo literário de Eça: “A ideia aparece-lhe plasticamente como uma oposição entre a doçura e a paz dos campos e o rumor metálico das cidades sombrias” (SARAIVA, 2000, p. 55). Mais uma vez, Saraiva recupera o materialismo dialético como método para penetrar na obra e pensamento de Eça, tentado, por via do processo dialético e das contradições que se operam no seio do sistema de ideias, extrair os elementos identitários do mesmo. Consequentemente, os personagens são reflexos de interpretação do autor, vivendo por intermédio dos seus desígnios, resumindo e ilustrando as vivências da vida nacional. Saraiva destaca uma meia dúzia de temas que se vislumbram nos romances de Eça e que ao mesmo tempo, constituem o fundamento das suas polémicas: a educação da mulher e o adultério; a vacuidade da literatura ultra-romântica; a nulidade e o verbalismo dos políticos constitucionais; a vida escassa e vazia do funcionalismo das secretarias e o anticlericalismo (SARAIVA, 2000, p. 58). A visão de uma sociologia em Eça, movida por um sentido objetivo da História, leva António José Saraiva a descrevê-lo como um pensador circunscrito e inserido numa determinada época e num meio específico. As ideias coletivas, revelando-se por leis internas e específicas a dado grupo social, funcionam como fonte de análise para um determinado período histórico.

Uma das mais relevantes oposições que se sucedem na obra de Eça, segundo Saraiva, é o antagonismo entre as ideias do progresso técnico e do naturalismo. Assim, o mecanicismo da vida é o inimigo principal da natureza, onde a maquinaria e o barulho do meio urbano colocam obstáculos à pureza e tranquilidade dos campos. Uma outra oposição é-nos revelada pela dialética entre Capitalismo – Burguês e Feudalismo Industrial – Trabalhador/Proletário. Do industrialismo desenfreado e desequilibrado, resulta a luta de classes e o confronto entre capital – trabalho. Saraiva antevê aqui uma visão romântica do socialismo: “...regresso ao sossego e simplicidade da vida dos campos, pelo abandono dessas terríveis máquinas que desmancham a paz dos homens” (SARAIVA, 2000, p. 77). No plano doutrinário, Saraiva destaca as influências que Proudhon⁵ e Victor Hugo realizaram sobre a obra de Eça, com relevância para o primeiro. Assim define Saraiva o sistema de ideias queirosiano: “Este sistema de ideias, de que Eça faz durante muito tempo o seu credo, é o Proudhonismo comum a todo o grupo do Casino” (SARAIVA, 1995, p. 89). Uma outra influência para Eça haveria de sair do pensamento de Taine. Este, recaído numa análise sociológica, argumenta que o Homem é o produto do seu meio, das

condições materiais que o envolvem. Segundo Saraiva, o Proudhonismo de Eça baseia-se em três grandes princípios: Consciência, Justiça e Igualdade. A evolução é a materialização escatológica destes valores na Sociedade. Eça nega a Revolução ou a repressão violenta como forma de transformar a Sociedade e a ordem estabelecida: a mutação adviria do seio das elites, generalizando-se a todo o espaço público. Para o mesmo, a História é a produção de Revoluções Políticas, sendo necessário uma revolução puramente económica. Dessa forma, critica veemente a inutilidade do sufrágio universal⁶: as maiorias agem tiranicamente e destituídas de razão (SARAIVA, 1995, p. 99). Assim, deparamo-nos com um “despotismo da multidão”, visto que a força do número é um critério meramente arbitrário, impossível de cientificidade.

Saraiva destaca no pensamento de Eça a transformação cultural e pedagógica, assumindo as mesmas um papel cimeiro nas reformas sociais e morais. Destoando de Proudhon, ao invés de proclamar que a via da mudança passa exclusivamente pela reorganização económica, Eça de Queiroz assume a via educacional e de instrução dos espíritos como o grande princípio de mudança. A Revolução no plano cultural ou económico manifestar-se-á no plano político pela República, ou seja, a República deve ser o reflexo político da Revolução (SARAIVA, 1995, p. 100). Para Eça, na visão de Saraiva, o enfoque não está na organização social-económica, mas na natureza humana. O materialismo queirosiano torna-se titubeante perante determinadas manifestações de idealismo espiritualista, alegando, por exemplo, que os condicionalismos ou fatores externos são de ordem cultural e moral, negligenciando o mecanicismo económico das sociedades. A crise portuguesa, segundo Eça, deve-se a uma incapacidade das classes dirigentes, onde dominam o constitucionalismo, o jacobinismo republicano e a retórica romântica, alicerçadas à ignorância das massas. “N’As Farpas” e “n’Os Maias”, António José Saraiva destaca o lado decadentista que absorve a vida nacional, onde somente a catástrofe ou o milagre podem figurar como superação. A impossibilidade de concretização que assolava o País leva-o à desistência (SARAIVA, 1995, pp. 126-129). O desencantamento do todo orgânico, do Mundo, também é um sentimento que invadirá o pensamento de Eça. A dedicação ao meio e às condições sociais envolventes é substituída pela individualidade e absorção do eu. Resumindo o pensamento queirosiano, António José Saraiva dá-nos a seguinte possibilidade:

Em resumo, o Proudhonismo juntando-se à influência de Feuerbach (teoria das religiões) e combinando-se com a de Taine – o homem é função do meio- dá forma e estrutura ao pensamento de Eça a partir de 1870. Esse pensamento constela-se em torno das seguintes diretrizes: primeiro, a ideia de consciência, donde a igualdade, critério de

qualquer organização social; segundo, a ideia de evolução como realização da igualdade entre os homens; terceiro, a ideia de que o homem é um produto do meio e não um absoluto; quarto, a ideia de que a gênese e a função da arte devem ser consideradas dentro do grupo social e não dentro do individualismo absoluto e divino (SARAIVA, 1995, p. 107).

O DECADENTISMO EM ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA?

O percurso dos homens de 70 demonstrou uma clara incompatibilidade entre ação histórica e criação estética. Esta última, vingou e perdurou - apesar da ação histórica - por via da militância e participação, tendo sido frustrada progressivamente (MACHADO, 1998, p. 66). O que importa analisar são as semelhanças e o paralelismo que se pode retirar entre a Geração de 70 e o próprio António José Saraiva. Também este homem foi um apologista de uma revolução que originasse Igualdade e Justiça, um crítico da exploração humana e um humanista convicto. O seu percurso de vida e o seu trajeto político-ideológico, algo titubeante, envolto em polémica e cheio de ruturas irreversíveis, leva-nos a considerá-lo um herdeiro da Geração de 70. Com os derradeiros anos da sua vida, acarretando consigo uma descrença no progresso, uma desconsideração para com a Democracia Massificada e uma viragem a um idealismo espiritualista, Saraiva, paralelamente aos pensadores de 70, refugiou-se numa visão decadente do Mundo, da Sociedade e da Natureza Humana.

Para o mesmo, o conceito de cultura, análogo ao de civilização, enfrentava uma clara oposição com a Natureza. Era a divisão entre o natural e o artificial. Assim, o domínio cultural tinha que ver com uma artificialidade, ou seja, tudo aquilo que não encontrava na natureza o seu princípio criador. Por exemplo, ciência e tecnologia apresentavam-se como produtos da cultura, antitéticos com a Natureza. A confrontação entre estes dois Mundos era irreversível: “A cultura, que, como vimos, é algo independente da natureza, acaba por virar-se contra ela” (SARAIVA, 2003, p. 39). A essência da cultura passa pela oposição dialética à natureza: a desnaturalização do homem, a mecanização da vida humana, a fatalidade e a decadência do ser humano são temas desenvolvidos num período ulterior na vida de António José Saraiva, evidenciando uma clara influência de alguns dos protagonistas da Geração de 70. Nos derradeiros anos da sua vida, mais concretamente em 1988, numa carta dirigida a Óscar Lopes, António José Saraiva apresentava assim o fatalismo que se apoderou da Geração de 70:

Não há coisa mais triste nem mais trágica na vida intelectual portuguesa. Apresentavam-se todos em 1870 de lança em riste, os sentados “cavaleiros andantes”, e acabaram despenhando-se por uma ribanceira que os levou àquilo que recusavam, ou perdidos no nevoeiro. O Oliveira Martins é de todos o que nos deu o espetáculo mais desgraçado. O Antero, ao menos, poupou a si mesmo esse espetáculo. O Oliveira Martins sobreviveu para assistir à queda final do Messias auto-imaginário (NEVES. 2004, p. 463).

CONCLUSÃO

A vasta investigação que António José Saraiva realizou sobre a Geração de 70, derivando em estudos célebres e marcantes para a dimensão académica, faz do mesmo um nome de referência na compreensão e na transmissão do ideário destes homens que marcariam uma época histórica. A vasta panóplia de estudos e trabalhos produzidos por Saraiva somente pode ser compreendida pelo legado e pelo fascínio que esta Geração lhe imprimiu. Tal como os pensadores de 70 evoluíram e transformaram posições próprias, também Saraiva sofreria o impacto de metamorfoses no plano político-ideológico e como tal, compreender o ideário político e cultural da Geração de 70, por via dos estudos saraivianos, é imprescindível de uma análise acerca das mutações operadas no pensamento do autor. O próprio António José Saraiva admitiria os complexos que envolveriam as suas investigações numa fase precoce do seu percurso. Estudar estes homens sob o espectro do positivismo e da dialética, para além das imagens estabelecidas em torno destas figuras, não é o mesmo que investigar sem a chancela destes postulados. Tal como o Homem é a sua circunstância, também o estudioso é parte integrante do espetro envolvente. António José Saraiva, não obstante o seu tremendo contributo, não haveria de escapar-se a este preceito.

A investigação em torno da Geração de 70 revela a necessidade de fazer emergir as variadas influências de que foram alvo. Sendo assim, apesar de não apresentar carácter exclusivo, Alexandre Herculano é um pensador relevante para descortinar o ideário de muitos destes homens. Não estudando diretamente e isoladamente cada pensador, Saraiva dirigiu-se aos múltiplos contextos nacionais e internacionais, para além de datas referenciais para a constituição da sua investigação. A aproximação destes homens, a criação de laços fortes entre eles mesmos e a sedimentação de projetos comuns, permite antever as influências de que foram alvo e os rumos que haveriam de adotar, quer no seu trajeto prático, quer no seu percurso teórico. António José Saraiva permite-nos descortinar, na Geração de 70, um caminho de esperança e

de acalentamento, e posteriormente, a decadência e a frustração. Determinadas semelhanças entre os mais relevantes pensadores da Geração de 70 e o seu próprio transmissor aqui em apreciação, António José Saraiva, leva-nos a atribuir a este último um decadentismo, de alguma forma herdado desses pensadores, que demonstra um descrédito na natureza humana.

NOTAS

- ¹ Licenciado em Ciência Política e Relações Internacionais; Mestre em História Contemporânea pela FCSH-UNL; Doutorando em História Contemporânea na FCSH-UNL.
- ² A mesma unidade heterogénea no sistema de ideias transparece na leitura que António José Saraiva realiza a propósito do pensamento de Eça de Queiroz, no escrito “As Ideias de Eça de Queiroz” (1944).
- ³ Para António José Saraiva esses homens são: Antero de Quental, Oliveira Martins e Eça de Queiroz.
- ⁴ Após esta comunicação, as autoridades desencadeariam o fecho das Conferências, alegando a proteção da religião do Estado, visto que esta, segundo as autoridades, era reiteradamente vilipendiada no curso das mesmas. Na sequência deste ato, Batalha Reis e Oliveira Martins não viriam a ter possibilidade de expor as suas comunicações.
- ⁵ Ainda no período da Geração Coimbrã, os pensadores da Geração de 70 irão começar a ter contacto com a obra de Proudhon e daí, as influências do mesmo começarão a manifestar-se.
- ⁶ Como se tem vindo a salientar, a descrença no sufrágio universal é uma ideia que percorre grande parte dos pensadores de 70.

REFERÊNCIAS

- GUERREIRO, Luís Ramalhosa. “António José Saraiva”, in *Dicionário de Historiadores Portugueses – da Real Academia das Ciências ao Estado Novo*. http://dichp.bnportugal.pt/historiadores/historiadores_saraiva.htm.
- MACHADO, Álvaro Manuel. *A Geração de 70. Uma Revolução Cultural e Literária*. Lisboa: Presença, 1998.
- MEDINA, João. *A Geração de 70. Uma Geração Revolucionária e Europeísta*. Cascais: Câmara Municipal, 1999.
- NEVES, Leonor Curado (ed.). *António José Saraiva e Óscar Lopes: Correspondência*. Lisboa: Gradiva, 2004.
- RODRIGUES, Ernesto (ed.). *António José Saraiva e Luísa Dacosta: Correspondência*. Lisboa: Gradiva, 2011.
- SARAIVA, António José. *As Ideias de Eça de Queirós*. Lisboa: Gradiva, 2000.
- SARAIVA, António José. *A Tertúlia Ocidental*. Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins

e Outros. Lisboa: Gradiva, 1995.

SARAIVA, António José. *Crónicas*. Matosinhos: Quidnovi, 2004.

SARAIVA, António José. *Herculano e o Liberalismo em Portugal*. Amadora: Bertrand, 1977.

SARAIVA, António José. *O que é a cultura*. Lisboa: Gradiva, 2003.